

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil (um estudo de caso)**. Juiz de Fora: EDUJF; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

Resenha por: Laura Garbini Both¹

Max Weber (1864-1920) nomeou de “*A ética econômica das religiões mundiais*” o conjunto de estudos que realizou sobre o judaísmo e as religiões da China e da Índia, título quase homônimo de seu mais notório livro, “*A ética protestante e o espírito do capitalismo*”. Pensador de grande erudição e densidade teórica, Weber expandiu nessas e em outras obras os limites dos fenômenos religiosos e econômicos inscrevendo-os também, e especialmente, na ordem dos fenômenos sociais, culturais e históricos. Para o autor, a relação entre os conteúdos das crenças religiosas e as peculiaridades da racionalidade econômica só pode ter o seu sentido compreendido no interior de uma dada ordem social, cultural e historicamente localizada.

Os estudos de Max Weber sobre as religiões mundiais não constituem uma tipologia e, tampouco, pretendem esgotar, sob a forma de um inventário, as infinitas possibilidades de arranjos culturais passíveis de serem construídos pelas sociedades humanas. Contudo, para além de uma descrição puramente histórica, Weber procurou fixar os aspectos mais relevantes e típicos da(s) ética(s) religiosa(s) e suas expressões concretas. Na sua construção analítica, a influência da ética religiosa na organização econômica deve, necessariamente, ser considerada no âmbito de uma perspectiva específica, sob pena da não integral compreensão, ou seja, é imprescindível buscar entender quais os termos da relação dessa ética religiosa com a maior ou menor legitimação do racionalismo dominante no Ocidente desde a modernidade. Contudo, é importante ressaltar que, do ponto de vista weberiano, partir do pressuposto de uma relação intrínseca entre religião e economia não significa afirmar – de forma reducionista – que cada um dos conjuntos das crenças religiosas estudados por ele contenha diretivas explícitas que se referem a atividades econômicas apropriadas, admissíveis, ou ainda, desejáveis. Weber evidentemente tinha clareza do gradiente de proximidade/distanciamento e da variabilidade da influência da religião sobre a vida econômica e de forma alguma propôs uma inversão completa e alternativa da compreensão marxiana do mundo, ao contrário, sempre procurou manter equidistância tanto do materialismo quanto do idealismo. Interessaram a ele, em síntese, as conseqüências da ética religiosa no comportamento social (e econômico) dos indivíduos, sem refutar evidentemente a existência de outras múltiplas influências. Exatamente nesta sutil, mas efetiva confluência pode ser situado o livro de Peri Mesquida.

Doutor em Ciências da Educação pela *University of Genève* e pós-doutor em Educação pela mesma universidade, Peri Mesquida é professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). O livro aqui resenhado é a tradução da sua tese escrita originalmente em francês, orientada pelo eminente professor Pierre Furter. Inserido em uma temática weberiana, o objetivo do seu estudo foi analisar, no escopo mais amplo da hegemonia norte-americana, a implantação e a prática educativa do metodismo de origem missionária norte-americana no Brasil no período de 1870 a 1930, com um enfoque na explicação e explicitação da dialética que uniu, na forma de um transplante cultural, um modelo de educação confessional típica de um contexto cultural diverso, à sociedade brasileira.

Para tanto, Mesquida na construção do seu texto alinha-se à tradição dos grandes pensadores da história social e da cultura brasileira - como Euclides da Cunha

ao ressaltar aspectos sócio-geográficos decisivos na conformação de uma sociedade, Caio Prado Júnior no destaque à determinação econômica na estruturação e desestruturação da ordem social e Sérgio Buarque de Holanda na visão cultural sobre uma sociedade permeada por influências exógenas. Desta forma, divide seu livro em cinco capítulos comentados brevemente em seguida.

No capítulo inicial - “*A formação dos espaços 1870-1900*” – o autor circunscreve o *locus* do seu objeto ao discutir: i) a ecologia e a história do sudeste do Brasil focalizando a formação do espaço urbano e da cultura mineira; ii) a marcha para o oeste do Brasil que implicou na mudança do pólo dominante do nordeste para o sul do país tendo como consequência a expansão das fronteiras e a incorporação da mão-de-obra do trabalhador livre; iii) o espaço dos imigrantes do sul dos Estados Unidos, com destaque para o movimento migratório sulista após o fim da Guerra Civil, a identificação dos promotores brasileiros da imigração norte-americana e a localização e organização cultural dos americanos do sul dos Estados Unidos no Brasil (oeste e litoral de São Paulo).

No segundo capítulo – “*Os espaços da formação: desenvolvimento qualitativo e quantitativo da educação na região sudeste – 1820-1890*”- o autor articula o funcionamento e a ação do processo educativo brasileiro à própria formação da sociedade brasileira, assim: i) constrói uma síntese histórica que ressalta a tentativa de secularização da educação brasileira pela Reforma Pombalina e descreve a criação das Academias no período da transferência da Corte para o Brasil até a Independência; ii) evidencia a educação na região sudeste, particularizando a instrução pública primária e secundária, além do ensino particular nas Províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, incluindo neste item uma reflexão acerca dos imigrantes protestantes e a educação no oeste de São Paulo.

O terceiro capítulo – “*A desestruturação da sociedade: 1850-1890*”- desvenda as contradições internas e externas da sociedade brasileira que abalaram as estruturas do sistema político-social monárquico e aborda os seguintes tópicos: i) a crise do regime; ii) a consolidação da idéia-força do liberalismo; iii) a movimentação dos partidos Conservador e Liberal; iv) o desdobramento do “republicanismo” nas vertentes guerreira, subversiva, positivista, agressiva e pedagógica; v) o papel da maçonaria.

No denso e fundamental quarto capítulo – “*O transplante do metodismo*” - o autor realiza um mapeamento do itinerário histórico-cultural da presença protestante no Brasil, com destaque para o protagonismo do Protestantismo de Missão da Igreja Metodista Episcopal. São marcados no capítulo: i) a gênese do metodismo; ii) o metodismo na América do Norte em uma retrospectiva que relata o protestantismo norte-americano antes do metodismo, o advento do metodismo americano, as relações da Igreja Metodista com a nação americana, as articulações entre o metodismo, a civilização cristã e o destino manifesto, a constituição da denominação missionária da Igreja Metodista, a educação no metodismo americano; iii) o metodismo no Brasil e sua missão de evangelizar e modernizar, contado desde a primeira tentativa de implantação do metodismo no país até a prioridade à educação como estratégia missionária metodista no Brasil, bem como, a descrição do espaço geográfico e sócio-cultural objeto do transplante da educação metodista e o papel dos fazendeiros, dos “homens de progresso” e da maçonaria reconhecidos como amigos da educação metodista.

Finalmente, no quinto capítulo – “*O metodismo no Brasil: prática educativa e expansão escolar*”- Peri Mesquita ressalta: i) a tática de construção da educação metodista com ênfase no caráter de “pedagogia da diferença” expressa no ecumenismo e na cooperação necessária e suas inter-relações com a organização da educação brasileira; ii) a filantropia seletiva concretizada nas escolas paroquiais; iii) a educação

permanente garantida pela escola dominical; iv) a constituição dos colégios metodistas Piracicabano (SP) , Bennett (RJ), Americano Granbery (MG), Metodista de Ribeirão Preto (SP), Americano Isabela Hendrix (MG), Noroeste de Birigui (SP) como espaços de formação das elites; v) a organização didático-pedagógica desses colégios formadores dos filhos de fazendeiros e dos “homens do progresso” - cujo objetivo maior, na compreensão do autor, foi a conquista da hegemonia cultural - desde os planos de curso e matérias ensinadas, do método de ensino, dos objetivos da prática pedagógica e das atribuições do corpo docente, da centralidade da língua inglesa, das relações entre mestres e alunos, das atividades para-escolares, dos movimentos educativos informais. Organização escolar, como demonstra Mesquida, enraizada no princípio do ideal da prática e na prática do ideal; vi) as reações à prática educativa metodista, como a negação da “negação” católica, a afirmação da “negação” como reação positiva e o projeto “Rui Barbosa” de reforma da educação; vii) o financiamento (norte-americano e brasileiro) e o funcionamento interno (instrução ministrada e instrução adquirida) dos colégios metodistas.

A partir dos firmes argumentos descritos aqui de forma breve, Mesquida conclui que o transplante cultural/educacional metodista empreendido foi plenamente efetivado porque havia uma identificação das elites progressistas do sudeste brasileiro de fins do século XIX e início do XX com os ideais republicanos e liberais norte-americanos, assim como, havia em contrapartida um interesse americano em exercer influência cultural, política e econômica no Brasil. Corroboraram ainda para essa plena efetivação tanto a força social da maçonaria, quanto à desestruturação da sociedade brasileira nos últimos trinta anos do século XIX. Enfim, uma complexa imbricação entre religião, economia e política.

Este estudo, profundo e minucioso, rico em fontes estatísticas e iconográficas, preenche uma lacuna na história da educação brasileira que, de modo geral, dimensiona em grande escala - com evidente razão e pertinência - a educação de orientação católica. Todavia, as tramas complexas da cultura brasileira comportam e clamam por estudos que olhem com acuidade para os interstícios da história. Em conformidade com Weber na fundamentação dos seus “tipos ideais”, Peri Mesquida demonstra que, definitivamente, não existe um curso unívoco na história e que cabe à pesquisa identificar e explicar as configurações sociais e culturais peculiares concretizadas na vida dos homens.

¹ Doutoranda em Educação, Mestre em Antropologia Social e Professora da UniBrasil – Faculdades Integradas do Brasil – Curitiba, Paraná.